

PRIORIDADE À EVANGELIZAÇÃO

É deveras significativo que a Constituição Apostólica sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo, se chame *Prædicate evangelium – Proclamai o Evangelho*, evocando Mc 16, 15 e Mt 10, 7-8. O documento é orientado à evangelização e tem um cunho marcadamente missionário. No seu preâmbulo explica-se que “tal é a missão que o Senhor Jesus confiou aos Seus discípulos”, e cita a Carta Encíclica de João Paulo II, *Redemptoris missio*, 2, para dizer que “este mandato constitui “o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje”.

Na visão do Papa Francisco, tudo na Igreja, mesmo a burocracia e a diplomacia, deve subordinar-se à missão. Por isso, no número seguinte do preâmbulo fala-se de «**conversão missionária**» da Igreja (cf. EG, 30), que se destina “a renovar a Igreja segundo a imagem da missão de amor própria de Cristo.”

Depois diz-se que “é no contexto da missionariedade da Igreja que se insere também a reforma da Cúria Romana.” Por consequência, no Cap. V, dedicado aos vários Dicasterios, o **Dicasterio para Evangelização** aparece à cabeça e, obviamente, antes de dicasterios até agora considerados mais importantes. Não há dúvida de que se trata de uma decisão teológica e estrutural de enorme alcance: **afirmar como o serviço da evangelização é o primeiro e mais fundamental de todos.**

Para reforçar a sua acrescida importância está o facto de que, por um lado, o Dicasterio passa a depender directamente do Santo Padre, que atribuiu a si próprio o cargo de **líder missionário de uma Igreja missionária**, e, por outro, combina as funções até agora desempenhadas pela Congrega-



Padre Avelino Maravilha, no Chade.

ção para a Evangelização dos Povos e pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. Assim, o Dicasterio para a Evangelização passa a ter duas secções: não se ocupa já somente da “primeira evangelização e das novas Igrejas particulares nos territórios de sua competência”, mas também das “questões fundamentais da evangelização no mundo”.

Com esta reforma, o Papa Francisco coloca **a evangelização no coração da Cúria Romana e da Igreja**: a partir de agora, todas as Igrejas locais têm a ver com este Dicasterio. Tudo na Igreja está ao serviço da Missão. Esta orientação estratégica terá de ter consequências práticas na organização pastoral, sobretudo ao nível das Conferências Episcopais e das dioceses.

Uma consequência que me parece evidente desde logo é no **estatuto das várias Comissões Episcopais**, para as quais haverá eleições na Conferência Episcopal Portuguesa dentro em breve: **a Comissão Episcopal Missão e Nova Evangelização deveria ganhar relevo e, como tal, ser a primeira a ser eleita.** Seria uma mudança simbólica, em linha com a orientação papal, mas que daria um sinal inequívoco para toda a acção pastoral no sentido de orientá-la para a missão. **Ao nível diocesano, o cargo de Director das Missões deveria ser de pri-**

meiríssima importância e não como tem acontecido até aqui.

Estou convencido que, se estas sugestões fossem acolhidas, teriam um impacto muito positivo na nossa vida pastoral. No nosso último boletim escrevi que Portugal tem uma tradição missionária que nos orgulha, mas que tem vindo a definhar de modo crítico ao longo dos anos. Dois sinais inequívocos dessa perda de dinamismo missionário é **a significativa diminuição no número de missionários portugueses ad gentes e da ajuda às jovens Igrejas** (ver estatísticas publicadas, nomeadamente do peditório do Dia Mundial das Missões). Dou apenas dois exemplos significativos: em 2021, uma diocese partilhou com a Igreja universal a quantia de 7,04 euros em média por paróquia! Em 2022, a avaliar pelos resultados que já nos chegaram, a diminuição do peditório continuou: numa diocese de referência a ajuda caiu 40.1%!

São resultados deveras magros, mas não inesperados. A causa da missão parece suscitar cada vez menos interesse nos responsáveis – não no povo cristão. Em muitas dioceses e paróquias, os materiais que preparamos não são distribuídos (sobretudo o *Guião Missionário* e os cartazes do Dia Mundial das Missões) e o peditório nem sequer é anunciado. Em Outubro de 2022, procurámos voltar a realizar o peditório de rua, mas a maior parte das dioceses não quisera latas para o efeito e noutras as latas nem saíram dos sacos!

Parece que persistimos em ignorar todos os documentos eclesiais e pontifícios a convocar-nos para a missão. O Papa Francisco disse recentemente que “A missão é o oxigénio da vida cristã”. Sem ela perderemos a vitalidade até sufocarmos. Não podemos deixar que isso aconteça! ✨

“A missão é o oxigénio da vida cristã”

No dia 11 de Janeiro, o Papa Francisco começou uma série de catequeses sobre *A paixão pela evangelização: o zelo apostólico do crente*. Reproduzimos parte da primeira catequese sobre *A chamada ao apostolado* e a síntese das duas catequeses seguintes.



Hoje começamos um novo ciclo de catequeses, dedicado a um tema urgente e decisivo para a vida cristã: *A paixão pela evangelização*, ou seja, o *zelo apostólico*. Trata-se de uma dimensão vital para a Igreja: com efeito, **a comunidade dos discípulos de Jesus nasce apostólica, nasce missionária**, não proselitista e desde o início deveríamos distinguir isto: ser missionária, ser apostólica, evangelizar não é o mesmo que fazer proselitismo, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Trata-se de uma dimensão vital para a Igreja: a comunidade dos discípulos de Jesus nasce apostólica e missionária. O Espírito Santo plasma-a em saída – a Igreja em saída, que sai – para que não fique fechada em si mesma, mas seja extrovertida, testemunha contagiosa de Jesus – **a fé também se contagia** – destinada a irradiar

a sua luz até aos extremos confins da terra. Contudo, pode acontecer que o ardor apostólico, o desejo de alcançar os outros com o bom anúncio do Evangelho, diminua, se torne tibio. Às vezes parece eclipsar-se, são cristãos fechados, não pensam nos outros. Mas **quando a vida cristã perde de vista o horizonte da evangelização, o horizonte do anúncio, adoece: fecha-se em si mesma, torna-se auto-referencial, atrofia-se. Sem zelo apostólico, a fé esmorece**. Ao contrário, **a missão é o oxigénio da vida cristã**: tonifica-a e purifica-a. Então, empreendamos um caminho à redescoberta da paixão evangelizadora, começando pelas Escrituras e pelo ensinamento da Igreja, para haurir das fontes o zelo apostólico.

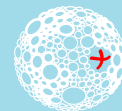
Depois, abordaremos algumas nascentes vivas, algumas testemu-

nhas que reacenderam na Igreja a paixão pelo Evangelho, a fim de que nos ajudem a reavivar o fogo que o Espírito Santo quer fazer arder sempre em nós.”

Jesus modelo do anúncio

“Ao reflectir sobre o zelo por evangelizar, fixemos o nosso olhar em Jesus, que é o modelo do evangelizador. Vendo o seu dia-a-dia, encontramos-l’O, muito cedo, à procura dum lugar deserto onde se detém na oração com o Pai. Ali descobre o sentido da Sua existência no mundo e toma as suas decisões mais importantes. Partindo da oração, Jesus dedica o resto da jornada ao anúncio do Reino, aproximando-se dos pobres, doentes e pecadores.

Ao falar sobre Si, apresenta-Se como bom Pastor. E ser pastor não é um mero trabalho, mas um estilo,



um modo de viver: durante as vinte e quatro horas do dia, o pastor encaminha o rebanho ao pasto, dorme entre as ovelhas e cuida das mais débeis. Assim procede Jesus para connosco: com o Seu coração de Pastor, não faz apenas qualquer coisa por nós, mas dá a vida por nós.

Conformando-se com Jesus, a acção pastoral da Igreja deve seguir o Seu estilo. Perguntemo-nos: rezamos como Jesus? Falamos com Ele? Não esqueçamos que **a intimidade com Cristo é a alma de todo o apostolado**. Permanecendo com Ele, descobrimos que o Seu coração se preocupa com quem se perdeu do rebanho. Nunca O ouvimos dizer: «Aquele afastou-se?! O problema não é Meu», mas vemo-l’O abandonar tudo e correr atrás de quem se extraviou; trá-lo de volta, faz-lhe sentir a beleza do Seu amor. Tal é o zelo de Deus; assim deve ser o nosso!”

Jesus Mestre do anúncio

“Jesus é o nosso Mestre do anúncio, que devemos levar aos outros. Para isso, precisamos de imitar o primeiro anúncio que Ele fez de Si próprio, na sinagoga de Nazaré, dizendo, entre outras coisas, que veio proclamar «um ano favorável da parte do Senhor». Não era um Ano Jubilar programado, mas com Cristo chega a graça, que faz nova a vida e sempre deslumbra. Pois bem! O anúncio de Jesus sempre deve comunicar este deslumbramento: o encanto da graça. Pois **não somos nós que fazemos grandes coisas, mas é a graça do Senhor que, por nosso intermédio, é capaz de realizar as coisas mais imprevisíveis: são as surpresas de Deus**.

O Evangelho é atravessado por um sentido de maravilha e novidade que tem um nome: Jesus. E **não se pode falar de Jesus sem alegria, porque a fé é uma história maravilhosa de amor que se deve partilhar**; se falta a alegria, o Evangelho não passa, porque este — como indica o significado grego da palavra — é Boa-Nova, anúncio

“ ”
Quando a vida cristã perde de vista o horizonte da evangelização, o horizonte do anúncio, adoece: fecha-se em si mesma, torna-se auto-referencial, atrofia-se. Sem zelo apostólico, a fé esmorece. Ao contrário, a missão é o oxigénio da vida cristã: tonifica-a e purifica-a.
“ ”

de alegria. Um cristão triste até pode dizer coisas muito belas, mas é tudo em vão, se não for jubilo-so o anúncio que transmite. **Que Jesus nos ajude a anunciá-l’O como Ele deseja, comunicando alegria, libertação, luz, saúde e deslumbramento a todos, a começar pelos pobres**. Lembremo-nos deles! E nunca esqueçamos que, para acolher o Senhor, temos de nos fazer «pobres dentro», isto é, vencer toda e qualquer presunção de auto-suficiência para nos sentirmos carecidos da graça, necessitados de Jesus.” ✦

Papa dixit

“O bem é assim: é difusivo, não se deixa paralisar pela resignação e pelas estatísticas, mas convida a dar aos outros aquilo que gratuitamente recebemos: eu recebi e, por minha vez, dou.”

“O que causa a pobreza não é tanto a ausência de bens e de oportunidades, mas a sua iníqua distribuição. Quem é abastado, particularmente se cristão, sinta-se interpelado a repartir o que possui com quem carece do necessário, sobretudo se pertence ao mesmo povo. Não é uma questão de bondade, mas de justiça. Não é filantropia, mas fé; pois, como diz a Escritura, «a fé sem obras está morta» (Tg 2, 26).”

“A caridade requer *exemplaridade*: de facto, não é apenas algo que se faz, mas expressão daquilo que se é. É um estilo de vida; é viver o Evangelho.”

“É fundamental que as iniciativas e as boas obras, além de responder às necessidades imediatas, sejam sustentáveis e duradouras. Não simplesmente assistencialistas, mas

realizadas com base naquilo que realmente se pode fazer e com uma perspectiva de longo prazo, para que perdurem no tempo e não acabem com quem as iniciou.”

“É preciso trabalhar em rede: cada qual com o seu carisma, mas juntos, interligados, partilhando as urgências, as prioridades, as necessidades, sem fechamentos nem autorreferencialidades, prontos a juntar-se a outras comunidades cristãs e outras religiões e aos inúmeros organismos humanitários presentes. Tudo, para benefício dos pobres.”

(Papa Francisco, no encontro com os representantes de algumas obras de caridade, em Kinshasa, no dia 1 de Fevereiro de 2023)

“Todos os carismas são para a missão, e são-no precisamente com a riqueza incalculável da sua variedade; para que a Igreja possa testemunhar e proclamar o Evangelho a todos e em todas as situações.”

(Papa Francisco, Mensagem aos consagrados reunidos na Basílica de S. Maria Maggiore, em Roma, por ocasião do Dia Mundial da Vida Consagrada, no dia 2 de Fevereiro)

Dez anos a “primeiriar”

O Papa Francisco está a fazer uma “revolução imparável” na Igreja. Sobretudo ao apontar-nos o caminho da sinodalidade: caminhar juntos, em atitude de escuta e diálogo aberto, na mesma direcção, empurrados e inspirados pelo Espírito Santo que sopra quando quer, como quer e onde quer.

Estou deslumbrado com estas Quedas do Iguaçu, a sentir-me ensopado pela humidade que toma conta deste ar, mas, sobretudo, estou a rever na memória o filme “A Missão” e a olhar para onde começa a Argentina do Papa Francisco. Este é um lugar *Laudato Si'*, cheio de ‘Missão’, um espaço simbólico ideal para fazer o balanço de dez anos proféticos deste Papa que nos anima e mobiliza como Igreja.

Lufada de ar fresco. Francisco chegou a Roma há dez anos com o passaporte de Jorge Bergoglio. E, quer queiramos quer não, está a fazer uma “revolução imparável” na Igreja, como tão bem o mostra o livro de António Marujo e Joaquim Franco (*Papa Francisco – A Revolução Imparável. Pobreza, economia, clima, justiça, família. Vaticano: as reformas e as oposições*). Ninguém é igual a ninguém, mas o Papa Francisco dá toques de enorme originalidade. Nota-se uma lufada de ar fresco nos documentos pontifícios, nas escolhas de visitas, nas Assembleias Sinodais sobre a família, a Amazônia e os jovens, na ousada reforma da Cúria, nas entrevistas e outros escritos, nas linhas de combate aos abusos, na opção clara pelos migrantes, refugiados, perseguidos e outros descartados sem vez e sem voz, na sua visão sobre economia, política e sociedade contra a globalização da indiferença, nas opções de focagem pastoral, na valorização do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, na simplicidade e alegria do seu ser e actuar.

São dez anos de uma respiração eclesial diferente, com uma aposta clara na sinodalidade (como sinal de abertura à inspiração do Espírito) e no combate sem tréguas a tudo quanto desfigura o rosto da Igreja.



O Papa Francisco no voo que o levou a África pela quinta vez.

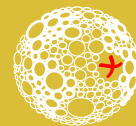
Tem dado uma colaboração gigante na construção de uma Igreja credível, encurtando distâncias entre o dizer e o fazer. Está a provar ao mundo que a Igreja faz falta à humanidade, tentando acreditá-la dentro e fora de portas.

Viagens cirúrgicas. Paulo VI ousou sair de Itália; João Paulo II universalizou estas Viagens Apostólicas; Bento XVI deu continuidade; e o Papa Francisco já lá vai com 40 saídas ao encontro das periferias e das margens da história. As suas opções de voo dão corpo ao “primeiriar” de que fala na *Alegria do Evangelho*, o seu programa missionário. O diálogo e a fraternidade são os grandes caminhos universais para a paz e a justiça. Só assim se podem compreender viagens ao Bahrein, ao Cazaquistão, à Tailândia, ao Iraque, ao Japão, a Marrocos, aos Emiratos Árabes Unidos, a Myanmar, ao Bangladesh, ao Egito, à Geórgia, ao Azerbaijão, ao Sri Lanka, à Terra Santa e à Turquia. Só mesmo a aposta no diálogo entre povos, culturas e religiões pode justificar tais visi-

tas que mostram que, para o Papa Francisco, o mundo é um espaço sem fronteiras e a fraternidade é uma palavra-chave.

A força dos documentos pontifícios. O Papa Francisco tem ajudado o mundo e a Igreja e olhar para a alegria do Evangelho, a alegria do amor, a alegria da ecologia, a alegria das Bem-aventuranças... Há uma convicção profunda de que sem justiça não há felicidade. A *Alegria do Evangelho* (2013) foi recebida, na Igreja e fora dela, como algo de muito original, se atendermos ao facto de ser um documento programático, como Exortação Apostólica que é. É nova nos conteúdos, nas focagens e no estilo. Põe a nu uma série de ‘ladrões’ que é urgente combater! Diz: “Não deixemos que nos roubem a alegria da Evangelização” (nº 83); “Não deixemos que nos roubem a esperança” (nº 86); “Não deixemos que nos roubem a comunidade” (nº 92); “Não deixemos que nos roubem o Evangelho” (nº 97); “Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno” (nº 101); “Não deixemos que nos roubem a força missionária” (nº 109). É preciso combater, de alma e coração, quem nos faz estes ‘assaltos’! “Primeiriar”, ou seja, “tomar a iniciativa” deve ser uma das imagens de marca dos missionários hoje (nº 24). Nós somos convidados por Francisco (e, antes dele, por Cristo) a sermos “Igreja em saída”, na rua, a partilhar a sorte a má sorte de todos, sobretudo dos pobres, mesmo sujando as mãos (nº 20).

Ecologia Integral e Fraternidade Universal. Na *Laudato Si'* (2015), documento social do Papa Francisco, é apresentado o conceito de “ecologia integral”, pois há



que amar os pobres e respeitar a natureza, a nossa casa comum. Tudo está interligado, estamos na mesma barca a enfrentar a mesma tempestade e, ou nos salvamos juntos, ou morremos todos afogados. O filme “A Carta”, recentemente realizado, mostra os efeitos dramáticos das alterações climáticas na vida dos mais pobres e faz um apelo a uma conversão ecológica global, combatendo a poluição, ajudando os mais frágeis e escolhendo um estilo de vida mais simples e mais fraterno.

A *Fratelli Tutti* (2020) resulta da convicção profunda do Papa Francisco sobre a importância decisiva da fraternidade humana, depois de ter assinado o documento de Abu Dhabi (*A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*).

O futuro no planeta jovem. Vindo dum continente muito jovem, mas onde os jovens têm o futuro seriamente comprometido, é nor-

mal a sua opção clara pelas novas gerações. Nas Jornadas Mundiais da Juventude de 2016 (Cracóvia), o Papa pediu aos jovens que abandonassem o comodismo fácil do sofá. Disse: “Este tempo aceita apenas jogadores titulares em campo, não há lugar para suplentes. O mundo de hoje pede-vos para serdes protagonistas da história, porque a vida é bela desde que a queiramos viver, desde que queiramos deixar uma marca.”

Em Lisboa, as JMJ pretendem ser as mais ecológicas de sempre e, para tal, existe o simbólico gabinete “Diálogo / Proximidade”, com o objectivo claro de ajudar toda a organização a assegurar que as JMJ aplicam os valores gravados na *Laudato Si’* e na *Fratelli Tutti*.

Gestos que apontam para o futuro. Lavar os pés a reclusas, viver em Santa Marta, deslocar-se num carro simples, rezar sozinho, à chuva, pelo fim da pandemia, fa-

zer a primeira viagem a Lampedusa para chorar aqueles por quem ninguém chora, beijar os pés dos líderes desavindos do Sudão do Sul, deixar-se entrevistar, aprofundar os encontros de Assis, gritar que a guerra é sempre uma derrota para a humanidade, apostar numa educação e numa economia que não matem, chorar na oração pelas vítimas na Ucrânia... fazem dele um homem sem medo de expor o peito às balas, vindas de fora ou de dentro da Igreja.

O futuro da Igreja e da humanidade está na sinodalidade: caminhar juntos, em atitude de escuta e diálogo aberto, na mesma direcção, empurrados e inspirados pelo Espírito Santo que sopra quando quer, como quer e onde quer. Por isso, todos os tempos, lugares e pessoas são decisivos para a construção do mundo e da Igreja do amanhã. ✦

Padre Tony Neves
Missionário Espiritano



Vítimas de uma guerra esquecida

Testemunhos de atrocidades cometidas no Leste da República Democrática do Congo, partilhados com o Papa Francisco, durante a sua visita ao país.

Ladislav Kambale Kombi, 17 anos

Nasci em Eringeti, em 15 de Julho de 2006. Sou um agricultor e o segundo da minha família. O meu irmão mais velho foi morto em circunstâncias ainda hoje desconhecidas. O meu pai foi morto diante de mim, em Ingwe, em direcção a Kikungu, no território de Beni, por homens com calças de treino e camisas do exército. Do meu esconderijo, vi como eles o cortaram aos pedaços, depois a sua cabeça decepada foi colocada num cesto. Por fim, levaram a minha mãe. Raptaram-na. Ficámos órfãos, eu e minhas duas irmãs. Até hoje, a minha mãe nunca mais voltou. Não sabemos o que lhe fizeram.

É horrível ver uma cena deste tipo. Nunca me deixa. À noite não consigo dormir. É difícil entender tamanha maldade, esta brutalidade quase animal.

Santíssimo Padre, agradecemos-lhe por ter vindo consolar-nos. Na sequência do acompanhamento espiritual e psicossocial da nossa Igreja local, eu e as outras crianças que aqui estão, perdoámos aos nossos torturadores. É por isso que depoiho, diante da Cruz de Cristo vencedor, uma catana igual à que matou o meu pai.

Bijoux Mukumbi Kamala, 17 anos, natural de Goma

Num dia, em 2020, íamos buscar água ao rio. No caminho, encontramos alguns rebeldes. Levaram-nos para a floresta. Cada um dos rebeldes escolheu quem ele queria. O comandante quis-me a mim e violou-me como um animal. Foi um sofrimento atroz. Permaneci praticamente como sua mulher. Ele violou-me várias vezes ao dia, sempre que queria, a várias horas.



Era inútil gritar, porque ninguém podia ouvir-me ou vir em meu socorro. Tive a sorte de escapar com uma amiga, após 19 meses de sofrimento. Desta experiência, regressei grávida. Tive duas meninas gêmeas, que nunca conhecerão o pai. As outras amigas que foram raptadas comigo naquele dia nunca mais voltaram. Não sei se estão mortas ou se ainda estão vivas.

Santidade, em tudo isto a Igreja continua a ser o único refúgio que cura as nossas feridas e consola os nossos corações através dos seus múltiplos serviços de apoio e conforto: as paróquias e os serviços da Caritas diocesana continuam a ser os nossos lugares de recurso e ajuda.

A vossa presença, Santidade, dá-nos a certeza de que toda a Igreja cuida de nós. Aqui está a esteira, um símbolo da minha miséria como mulher violada. Coloco-a sob a cruz de Cristo, para que Cristo me perdoe pelas condenações que fiz no meu coração contra estes homens. Que a cruz de Cristo me perdoe a mim e aos meus violadores e os leve a desistir de infligir sofrimento desnecessário às pessoas. Esta é também uma lança igual à que usaram para perfurar os seios de muitas das nossas irmãs. Que Deus nos perdoe a todos e nos ensine a respeitar a vida humana.

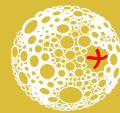
Désiré Dhetsina, de Bunia

Eu vi a selvageria. Pessoas cortadas como carne no talho, mulheres desventradas, homens decapitados. Vivemos em campos de deslocados sem esperança de voltar para casa, porque as mortes, as destruições, os saques, as violações, o movimento das populações, os raptos, os abusos, enfim, parece que a execução de um plano de extermínio, de aniquilação física, moral e espiritual, continua todos os dias.

Santo Padre, precisamos da Paz e nada mais que a Paz, este dom gratuito de Jesus Cristo Ressuscitado. Queremos voltar para as nossas aldeias, cultivar os nossos campos, reconstruir as nossas casas, educar os nossos filhos, conviver com os nossos vizinhos de sempre, longe do barulho das armas! Queremos que o mal perpetrado em Ituri termine, seja punido e reparado! Queremos viver com dignidade, como filhos e filhas de Deus. Por isso, colocamos estas catanas e martelos sob a cruz de Cristo, para que Ele nos perdoe pelo sangue derramado injustamente. Que Cristo nos dê momentos de paz e tranquilidade onde todos tenham bons sentimentos, uns pelos outros.

Emelda M'karhungulu di Bugobe, de Cirunga

Santíssimo Padre, fui mantida como escrava sexual e abusada durante três meses. Todos os dias, cinco a dez homens abusavam de cada uma de nós. Fizeram-nos comer farinha de milho com a carne dos mortos. Às vezes eles misturavam cabeças de pessoas com carne de animais. Este costumava ser o nosso alimento diário. Aquelas que se recusaram a comê-lo foram cortadas em pedaços e outras foram forçadas a comê-lo. Vivíamos nuas para não fugir. Eu fui uma das que obedeciam, até ao dia em que consegui escapar quando nos mandaram buscar água ao rio. A nossa província é um lugar de sofrimento e lágrimas.



Caminhar à luz da Fé

***Lumen Fidei* (LF), A luz da fé, é a primeira Carta Encíclica do Papa Francisco. Ele admite que o Papa Bento XVI “já tinha quase concluído um primeiro esboço desta carta encíclica sobre a fé” e mostra-se “profundamente agradecido” por esse trabalho inicial. Nela temos um tesouro único: reflexões profundas de dois papas sobre a fé.**

Ao ler esta encíclica, percebe-se pelo estilo e pelo conteúdo que o Papa Bento XVI deu o contributo maior a este documento. Ele harmoniza-se bem com a visão que o Papa Bento XVI delineou na sua proclamação de um “Ano da Fé” em 2012, para recordar o quinquagésimo aniversário da abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965). Além disso, este documento destinava-se a complementar o que ele tinha anteriormente escrito nas suas encíclicas sobre as virtudes da caridade (*Caritas in Veritate*) e da esperança (*Spe Salvi*).

Breve visão geral. A estrutura da *Lumen Fidei* é simples e directa: contém uma introdução e quatro capítulos; conclui com reflexões marianas e uma oração a Maria. A introdução mostra como os antigos encaravam a fé; narra como o Concílio Vaticano II, um “Concílio sobre a fé”, procurou propor a fé ao mundo contemporâneo. O Papa Francisco escreve: “O Concílio Vaticano II fez brilhar a fé no âmbito da experiência humana, percorrendo assim os caminhos do homem contemporâneo” (LF 6).

Fundamentos da Fé. O Capítulo Um mostra que acreditamos num Deus de misericórdia e como os cristãos podem “ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos” (LF 21). “A fé desvenda-nos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos

de explicar o seu percurso, o caminho dos homens crentes... A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome” (LF 8). “Acreditar significa confiar-se a um amor misericordioso que sempre acolhe e perdoa” (LF 13).

No Capítulo Dois, o Papa Francisco explica a estreita ligação entre fé e verdade; lamenta a “grande obnubilação da memória no nosso mundo contemporâneo” (LF 25). Afirma ele: “A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor” (LF 26). “A fé cristã, enquanto anuncia a verdade do amor total de Deus e abre para a força deste amor, chega ao centro mais profundo da experiência de cada homem” (LF 32). Em termos simples, podemos dizer que a fé é tanto um “exercício da cabeça” [resposta intelectual] como um “exercício do coração” [resposta emocional, afectiva].

Fé contemporânea. A importância da evangelização e a transmissão da fé são temas centrais do Capítulo Três. A comunicação do dom da fé deve ser fomentada em cada época. “É através de uma cadeia ininterrupta de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus” (LF 38). De facto, “como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória” (LF 40). Para o Papa Francisco, “a natureza sacramental da fé encontra a sua máxima expressão na Eucaristia” (LF 44).

Por fim, no Capítulo Quatro, o Papa explica a ligação entre a fé e o bem comum. O Papa escreve: “Devido precisamente à sua ligação com o amor (cf. *Gal* 5, 6), a luz da fé coloca-se ao serviço concreto da justiça, do direito e da paz” (LF 51). A fé tem um forte fundamento na família e acompanha-nos em todas as fases da vida; tal fé é capaz de iluminar todas as nossas relações na sociedade. A fé permite-nos partilhar o olhar de Jesus e

assim acompanhar os pobres e os que sofrem no nosso mundo.

Viver a Fé. O Papa Francisco conclui a sua Encíclica com algumas reflexões inspiradoras sobre a peregrinação de fé de Maria (cf. LF 60). Ele reza: “Ajudai, ó Mãe, a nossa fé! ... Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele [Jesus], a crer no Seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer.”

Os leitores ficarão enriquecidos com os conhecimentos sobre a dinâmica da fé que se encontram neste documento. São encorajados a continuar a sua própria caminhada de fé pessoal na família, no casamento, enquanto jovens, com os pobres e marginalizados, na Igreja. A fé precisa de ser apreciada pelo contributo significativo que pode dar à sociedade contemporânea que é tentada a cair em novas formas de idolatria.

Toda a Encíclica tem um tom positivo e propositivo ao mostrar a forma como as pessoas ao longo dos séculos viveram a sua fé (por exemplo, Abraão, Moisés, São Paulo, Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, e a Virgem Maria). A fé, de facto, é um dom especial pelo qual rezamos para que nos seja concedido, tornando-nos ícones vivos da fé para os outros nossos contemporâneos. ✚

Padre James H. Kroeger, M.M.

O Padre James H. Kroeger, um Missionário Maryknoll americano, serviu na Ásia (Filipinas e Bangladesh) desde a sua chegada ao Oriente em 1970, trabalhando em paróquias e servindo principalmente no apostolado da educação-formação de seminaristas, religiosos, catequistas, e líderes leigos. Produziu numerosos livros de teor teológico-missionário-catequético; os seus livros mais recentes incluem *Go, Teach, Make Disciples* e *Exploring the Priesthood with Pope Francis*.

O nosso trabalho é evangelizar

O Padre Verbita, Andrzej Fecko, trabalhou 32 em Angola, onde concretizou o seu sonho missionário: “estar junto do povo.” No ano passado recebeu a medalha de mérito missionário da Conferência Episcopal da Polónia, que distingue a sua dedicação e a obra que lá deixou.



O P. Andrzej Fecko trabalhou 32 anos em Angola

O missionário diz que o trabalho das missões necessita ser valorizado. “Na Igreja não podemos esquecer a evangelização. O nosso principal trabalho não é construir, mas evangelizar. Fizemos muito com os catequistas; formámos muitos que trabalham e ficaram a acompanhar as suas comunidades. Nestas distâncias não há padres, mas há catequistas formados para acompanharem as comunidades. O tempo em que o Padre é que sabia e mandava já passou. O ideal é trabalharmos juntos”, explica numa entrevista à Agência ECCLESIA.

O padre Andrzej nasceu na Polónia durante o regime comunista e explica ter crescido num “dualismo”, entre a família “cristã e a vida

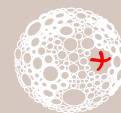
social ligada à Igreja” e, por outro lado, a escola, onde recebeu uma educação socialista, mas a consciência das duas realidades só se evidenciou mais tarde.

“Eu estava próximo do marxismo-leninismo, e por isso fui trabalhar. Não queria ser um intelectual, queria ser um trabalhador, como a ideologia nos dizia. Mais tarde tive consciência que vivia entre duas realidades. No dia-a-dia, sentíamos que nos devíamos libertar do regime, colocado por Moscovo, e sentimos, mesmo na rua, que havia muitos militares soviéticos. Sentíamos opressão porque fomos obrigados a aprender russo. Queríamos ser livres, mas vivíamos na ideologia que entrava na nossa vida e mente.”

Já a estudar no Seminário, o padre Andrzej dá conta de “espiões” dentro da instituição: “Tínhamos de ter muita cautela. Obtiveram informações sobre o nosso comportamento e vários de nós foram chamados à Polícia Secreta para ser interrogados. A situação era muito delicada na altura. Sentíamos que aquele sistema comunista era um sistema de engano do povo, e queríamos a verdade que podíamos encontrar na Igreja”, recorda.

O desafio Angolano

A possibilidade de ser padre foi inesperada na sua vida, apesar de ainda em criança pensar nas missões como algo atractivo, tendo



chegado a escrever uma carta a um missionário no Japão. Ordenado missionário na congregação do Verbo Divino, deixa-se entusiasmar por um colega que chega de Angola e aceita o desafio de ser missionário em terras africanas.

O padre Andrzej Fecko chegou a Angola em 1981 e explica que encontrou uma “Luanda abandonada, um pouco triste, mas um povo feliz.”

“O povo relembra os anos ainda recentes da independência, mas nada funcionava: nem lojas, bares ou restaurantes. Fiquei algum tempo em Luanda e segui para a Arquidiocese de Saurimo, no leste de Angola, e lá comecei a trabalhar numa equipa internacional, onde estava um padre português, outro filipino”, recorda.

Num território com 300 quilómetros, onde o trabalho era “de primeira evangelização”, o missionário recorda que realizou aquilo que procurou ser quando decidiu ser padre: “Estar no meio do povo”.

“Poderíamos considerar aquela região como de primeira evangelização. Encontrámos uma fé bem forte. Admirava os catequistas, cristãos, que viviam a sua fé não olhando às dificuldades. As pessoas andavam dezenas de quilómetros a pé para participar nos encontros e na Eucaristia, que se celebrava duas ou três vezes por ano”, recorda.

No primeiro ano em Angola, a guerra não chegou aos locais por onde andou, mas foi-se aproximando com “ataques e minas”. “Lem-



O P.Andrzej foi distinguido com a medalha de mérito missionário.

“ ”
Encontrámos uma fé bem forte. Admirava os catequistas, cristãos, que viviam a sua fé não olhando às dificuldades. As pessoas andavam dezenas de quilómetros a pé para participar nos encontros e na Eucaristia.
“ ”

bro-me de participar num funeral com mais de 10 caixões de pessoas que morreram num ataque, com a mina a cair dentro de um camião. Não conseguimos fazer as orações porque os militares começaram a disparar e nós ficamos deitados no chão. Foram momentos fortes.”

Em Quifangondo, mais perto de Luanda, onde o padre Andrzej permaneceu mais tempo, foi possível apostar nas escolas, construir um centro de saúde e ter uma equipa que se encarregasse dos trabalhos, libertando o missionário para trabalhar na leprosaria.

“Trabalhei a fazer os curativos. São doentes especiais que não têm capacidade de se mover, alguns sem pernas, cortadas por causa do avanço da lepra. Trabalhámos numa casa que até dava medo de trabalhar lá. Surgiu uma oportunidade de contactar com a Cáritas de França e recebemos financiamento para arranjar um local apropriado”, recorda.

Mas a medalha de mérito missionário, assume o padre Andrzej, deve-se à Clínica de São Lucas, um local que hoje atende mais de 25 mil pessoas por ano, mas que começou “num quarto sem condições, onde estavam 70 pessoas, juntas, a transpirar.”

O padre Andrzej veio para Portugal em 2013. Actualmente é pároco no Prior Velho, nos arredores de Lisboa, onde procura “ainda” inserir-se na cultura europeia. Explica: “Ainda não aceitei 100% viver na estrutura europeia. Há muita coisa que não é necessária. Temos relógios e telemóveis que atrapalham. Está tudo marcado pelo tempo, mas estamos a perder tempo procurando o tempo.” ✨



Lígia Silveira, Agência Ecclesia

“Mãe, quem é aquele palhaço?”



Ilustração: Ana Romão

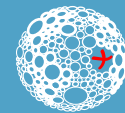
Há muitos, muitos anos, o “cabeção” (colarinho clerical) não era ainda conhecido em Itália. Todos os bons padres, frades e monges andavam de batina. Ocasionalmente, acontecia que alguns deles, por razões de estudo ou trabalho, tinham de viajar para países como o México, a Inglaterra ou os Estados Unidos, onde a batina não era permitida. O que fazer nessas circunstâncias? Era preciso um “disfarce”. Não se sabia onde o Irmão encarregado do guarda-roupa da Casa Mãe dos Combonianos em Verona encontrava roupas para estas operações, mas uma coisa era certa: os disfarces não eram tão discretos. As operações eram ultra-secretas. Os infelizes missionários (o termo não é escolhido ao acaso) costumavam esgueirar-se de casa a coberto da

noite, “como ladrões”, para dizê-lo em termos bíblicos. Não se sabe exactamente se isso era feito para não escandalizarem os confrades, ou porque os missionários disfarçados se sentiam envergonhados de serem vistos. Na rua, durante o dia, era necessário ter algum recato, evitar ser notado mais do que o necessário e esperar que tudo corresse pelo melhor. Aconteceu, porém, que um missionário de fé comprovada e grande coragem, mas bastante pequeno, regressando do estrangeiro e com esse tipo de trajes, teve de apanhar um autocarro com destino à sua terra natal. Entrou de modo sorrateiro e instalou-se num canto onde esperava passar despercebido. Infelizmente, foi visto por uma criança que continuava a olhar para ele. Depois, apontou-lhe

o dedo e com uma voz estridente, perguntou à mãe: “Mãe, quem é aquele palhaço?” *Ex ore infantium...!* (Da boca das crianças...!) ✨

O missionário speedy Gonzales

Apesar dos seus 84 anos, o Padre João era uma ajuda inestimável na missão. Ele era certamente o membro mais activo da comunidade. De facto, era o único que não ficava de cama por causa de alguma doença, e era o mais metódico no seu trabalho: com grande diligência, visitava diariamente os doentes no hospital, onde exercia o seu ministério como capelão, mantinha o Cartório Paroquial em ordem e recebia as muitas pessoas que batiam à sua porta em busca de ajuda. Nunca perdia a paciência. Sabia aconselhar, e muitas



vezes aconselhava os seus dois confrades mais jovens da comunidade a não se esgotarem e a descansarem de vez em quando.

Num domingo, o Padre João estava a concelebrar a Missa na igreja paroquial com o Vigário Geral da diocese, que tinha vindo para administrar o Sacramento da Confirmação a alguns jovens. O Vigário estava a começar a sua homília quando chegou um mensageiro de uma paróquia vizinha, a anunciar que o seu pároco, que estava a celebrar a Missa, depois de ler o Evangelho, se tinha sentido mal e tinha desmaiado. Aproximou-se do presbitério e perguntou ao Padre João se havia algum padre disponível na missão para ir concluir a Missa. Os outros dois jovens sacerdotes estavam fora, num *safari* missionário. O Padre João não perdeu tempo: deixou imediatamente a igreja e entrou no carro do homem que tinha trazido a notícia. Vinte minutos mais tarde, chegaram à paróquia. O Pe. João dirigiu-se imediatamente para o altar, fez a homília que o padre adoentado não tinha podido concluir, terminou a Missa diligentemente, voltou a meter-se no carro e regressou à sua missão. Chegou precisamente quando o Vigário Geral estava a terminar a sua (longa) homília. Voltou para o altar e concelebrou a Missa até ao fim. Haverá algum outro caso na história da liturgia semelhante a este, sendo o protagonista um padre de 84 anos? Esta proeza devia constar no *Livro Guinness dos Recordes*! ✨

Calças confortáveis

Quando algumas mulheres, para seguirem os ditames da moda ocidentais, começaram a ser vistas de calças nas ruas de Kampala, Uganda, nos anos '70 do século passado, o ditador Idi Amin lançou uma campanha moralizadora, com ameaças de raios, coriscos e reprimendas públicas às senhoras que se atrevessem a adoptar um traje tão depravado e estrangeiro. Ao contrário do que tinha acontecido com as outras “guerras” que tinha declarado e travado, esta resultou numa vitória rápida e em toda a linha. Mas os ecos desse conflito ainda não tinham desaparecido quando outro eclodiu: o inimigo era ainda o mesmo, as calças que os homens começavam a usar como certos heróis dos filmes americanos, ou seja, tão apertadas e aderentes quanto possível.

O entusiasmo com que os jovens e os menos jovens compravam os jeans importados convenceu o Presidente a passar dos apelos à razão e das ameaças verbais a controlos rigorosos dos indecentemente vestidos. Os agentes da lei deviam pará-los e submetê-los ao seguinte teste: enfiar uma garrafa de cerveja vazia pela cintura; se escorregasse facilmente para baixo, o indivíduo era absolvido e deixado ir em paz; se a garrafa não entrasse, o perverso não se livrava de umas chicotadas. Foi no calor dessa campanha que o Bispo Comboniano de Moroto, Sisto Mazzoldi, decidiu mandar fazer um

par de calças, para substituir as que toda a diocese tinha visto pelo menos duas vezes. À costureira que lhe perguntou como as queria, de que cor, se com bolsos exteriores, etc., respondeu secamente: “Confortáveis; repito, confortáveis!” Para bom entendedor, meia-palavra basta! ✨

Um cigarro para a viagem

Um dia, o Padre Michelin, no seu leito de morte, mandou chamar o Irmão Viviani, que correu de imediato, temendo que fosse o fim. Quando chegou, o Padre disse-lhe: “Irmão Viviani, em África, quando se vai para um safari ou se começa algo importante, diz-se: ‘Vamos fumar um cigarro antes de sair.’ Como não há nada mais importante do que a viagem que estou prestes a fazer, dá-me um último cigarro”!

O irmão, enfermeiro de profissão, concordou, convencido de que um cigarro não pioraria demasiado a sua situação. Momentos depois, o superior entrou e ficou espantado ao ver o ‘moribundo’ com um cigarro nos lábios. O Pe. Michelin deixou cair o cigarro e perdeu a consciência pela enésima vez. Mais tarde, recuperou e chamou de novo o Irmão: “Se bem me lembro, não tinha acabado de fumar o cigarro que me deste. É uma pena que seja desperdiçado. Dá-mo de novo.” E o Irmão assentiu. ✨

P. Neno Contran
Missionário Comboniano

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

Para enviar uma oferta para uma das Obras – Propagação da Fé, Infância Missionária e S. Pedro Apóstolo – a melhor forma de o fazer é através de **transferência bancária**. Se preferir usar cheques ou vales de correio, por favor, endosse-os a OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ, para não serem devolvidos.

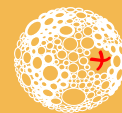
O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP
Nº Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos agradecer-hes e mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que apoiam a Igreja Missionária, enviando os seus donativos, para as OMP. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



Novo Presidente das OMP

No dia 3 de Dezembro de 2022, o Papa Francisco nomeou o Padre Emilio Nappa novo Presidente das Obras Missionárias Pontifícias (OMP) e Secretário-Adjunto do Dicastério para a Evangelização, conferindo-lhe o título de Arcebispo. Substitui no cargo Mons. Giampietro Dal Toso.

A ordenação episcopal do Padre Emilio Nappa ocorreu no Domingo, dia 28 de Janeiro. Foi presidida pelo Cardeal Luís António Gokim Tagle,



Arcebispo Emilio Nappa, novo responsável das Obras Missionárias Pontifícias.

Pró-Prefeito do Dicastério Missionário, e contou com a presença de centenas de familiares, parentes e amigos e mais de vinte bispos concelebrantes. Na sua homilia, partindo das leituras da liturgia dominical, sobretudo do texto das Bem-aventuranças de Mateus, o Cardeal Tagle recordou que o serviço do ministério episcopal só pode ser frutuoso em virtude dos dons da graça, e só com humildade se pode “experimentar a verdadeira bem-aventurança e a verdadeira alegria”. Como todos os outros seres humanos, os crentes em Deus também são tentados pelo orgulho, perseguindo “uma ilusão de grandeza baseada em mentiras”, que “priva as pessoas da maravilha, da gratidão e da alegria” e “conduz à injustiça, à violência, à destruição e à infelicidade”. A humildade só pode ser encontrada “quando aceitamos a verdade sobre a nossa condição humana: que não somos os mais sábios, os mais fortes ou os mais nobres aos olhos do mundo”, no entanto “Deus escolhe os simples para mostrar a Sua sabedoria e força”. A humildade faz-nos regozijar e louvar o Senhor que faz grandes coisas através dos pequenos”. É por isso que “só as pessoas humildes apreciam as bênçãos de Deus e difundem a boa nova do amor e da misericórdia de Deus”. Procurar a humildade e “vangloriar-se em Deus, alegrar-se em Deus, exultar em Deus”, observou o Cardeal Tagle, “é o caminho para a nossa bem-aventurança. Este é o nosso desejo e a nossa oração por Mon-

senhor Emilio, e pelo seu ministério episcopal.” Com razão, acrescentou o Cardeal, dirigindo-se ao “caro Irmão Emilio”, e recordando a passagem da Epístola aos Romanos da qual o seu lema episcopal é tirado, “desejas servir com amor. Mas São Paulo lembrar-te-á constantemente que esse amor vem de Deus, através do Espírito Santo. Pregarás com amor, não a tua palavra, mas a Palavra de Jesus. Comunicarás, não o teu poder, mas a graça de Deus presente nos sacramentos. Guiarás, pastorearás e guardarás a comunidade, não com as tuas estratégias, mas com o amor de Jesus, o Bom Pastor. Promoverás a missão não com os teus programas, mas em obediência ao Senhor Ressuscitado que envia todos os Seus discípulos a serem Suas testemunhas em toda a terra. Enfrentarás provas e decepções não apenas com a força humana, mas com o dom da esperança de Deus.”

No final da celebração, o Arcebispo Emilio Nappa recordou o seu encontro com o Senhor Jesus. Referindo-se ao caminho da sua vida, disse que como jovem, “procurava respostas para as perguntas da vida. Não era muito religioso, embora fosse um crente. Em vez disso, recebi como presente o acesso à fonte do ser, que é o amor: Deus encheu o meu coração. Esta experiência tornou-se então uma vocação, e fez-me experimentar o sentido de liberdade, que se procura quando se é jovem.” Agora, tendo-se tornado sucessor dos Apóstolos, o novo bispo reconheceu que é chamado a dar testemunho, com o seu ministério episcopal, “desta verdade central no cristianismo, a saber, que Deus é amor que se dá a Si mesmo, e por isso é liberdade que cria novas possibilidades de vida mesmo onde tudo pode ser estéril.” Concluindo o seu discurso recordou: “a pessoa e o padre que sou é o resultado dos encontros com os rostos, as histórias, as realidades que conheci e a quem devo dizer obrigado hoje.”✚



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missao.omp@netcabo.pt

NIPC: 501132619

Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03

NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203

Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes

Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9

2820-652 Charneca da Caparica

<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web

FOTOGRAFIA:

Lusa; Arquivo OMP

